



PENNYCOOK, Alastair. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M.C. **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. cap. 1, p. 23-49.

LINGUÍSTICA APLICADA A-CRÍTICA COMO ALIADA NAS DESIGUALDADES SOCIAIS

Maria Luíza Destro Silva¹
Universidade Federal de Alfenas
(marialuizadestrosilva@gmail.com)

Professor titular de estudos da linguagem na *University of Technology de Sydney (UTS)*, Alastair Pennycook possui vasta experiência no campo da Linguística Aplicada (LA), com ênfase no ensino e aprendizagem de línguas. Adota uma postura cultural e social em seus estudos, o que pode ser percebido em algumas de suas obras como: *Critical Applied Linguistics: A Critical Introduction* (2001), *Global Englishes and Transcultural Flows* (2006) e *Metrolingualism: Language in the City* (2015).

Um de seus principais artigos, *A Linguística Aplicada dos Anos 90: em defesa de uma abordagem crítica*, está publicado no livro *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas* (1998), organizado por Inês Signorini e Marilda C. Cavalcanti. Estruturado em cinco seções, o artigo possui uma “veia crítica”, como o próprio autor aponta no decorrer da obra, e política, refletindo sobre o papel transformador da língua e sobre como ela pode colaborar na perpetuação das desigualdades sociais.

Logo no início de seu texto, ele levanta - de maneira clara e concisa - os principais tópicos que serão abordados no decorrer do artigo. Entre eles: ideologias, relações de poder, mudanças sociais e manutenção das desigualdades por intermédio do ensino de línguas. Segundo Pennycook,

as sociedades são desigualmente estruturadas e são dominadas por culturas e ideologias hegemônicas que limitam as possibilidades de refletirmos sobre o mundo e, conseqüentemente, sobre as possibilidades de mudarmos esse mundo. Também estou convencido de que a aprendizagem de línguas está intimamente ligada tanto à manutenção dessas iniquidades quanto às condições que possibilitam mudá-las (PENNYCOOK, 1998, p.24).

Desse modo, o autor afirma que caberia à Linguística Aplicada analisar, pedagogicamente e politicamente, as ideologias que estão por trás dos conhecimentos que produzimos. Afinal, a pesquisa e o ensino de línguas não são

¹ Graduada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Atuou como bolsista no programa PIBID entre agosto de 2018 e janeiro de 2020. Atualmente atua como bolsista no programa Residência Pedagógica.



neutros. A noção de uma linguagem objetiva, a-política e a-histórica, por exemplo, é resultado da era modernista (com o iluminismo, o positivismo e o estruturalismo de Saussure) que influenciaram profundamente as pesquisas em LA, assim como a aprendizagem e a comunicação. Esse conceito tem origem na Europa, que devido à necessidade de criar a ideia de homogeneidade étnica e separar o Estado da Igreja, para o fortalecimento do domínio do Estado sobre a população, voltou suas atenções para a língua, uma aliada central para a propagação desses ideais. O que se tornou crucial com o surgimento das indústrias e das colônias no século XIX. Portanto, essa ideologia fez com que a linguística aderisse a essa visão padrão de língua no final do século XIX e XX.

Portanto, indo contra essa visão homogênea e universalizante da língua - que contribui para a conservação das relações de poder, a violência simbólica e as desigualdades sociais - o autor propõe uma pesquisa em LA que considere o contexto. Assim como Moita Lopes, Pennycook afirma que os aspectos políticos, culturais e sociais devem fazer parte da pesquisa da Linguística Aplicada, para que ela seja realmente transformadora. “O que o mundo social fez, ele pode desfazer” (Bourdieu).

Outro ponto criticado por Pennycook é a visão puramente funcional da linguagem. O foco excessivo na competência comunicativa, reduzindo a aprendizagem de língua a uma mera mensagem que é passada de um indivíduo para outro (emissor e receptor), faz com que o ensino se torna trivializado, ao não considerar aspectos de suma importância como os sociais, políticos e ideológicos. Gerando problemas gravíssimos, pois

se ensinarmos, tendo por meta a competência comunicativa, e não explorarmos como o uso da linguagem foi historicamente construído em torno das questões de poder e de dominação, ou como, nos seus cotidianos, a linguagem está sempre envolvida em questões de poder, estaremos, uma vez mais, desenvolvendo uma prática de ensino que tem mais a ver com acomodação do que com acesso ao poder (PENNYCOOK,1998,p.31).

A tendência positivista também é criticada, uma vez que valoriza a pesquisa quantitativa em detrimento da qualitativa. Vale ressaltar que o autor não diz que somente pesquisas qualitativas devem ser feitas, e sim que deve haver um equilíbrio entre as duas. Porém não é o que ocorre. As pesquisas qualitativas ficam responsáveis por funções menores, enquanto as quantitativas assumem posição de destaque.

Todos esses assuntos foram levantados pelo autor para enfatizar como a LA sofreu limitações que remontam ao Modernismo. Alguns aspectos que podem prejudicar o avanço da Linguística Aplicada são apontados por Pennycook, como por exemplo

acreditar em teorias totalizantes, fundamentais e universais; que a História é linear, ordenada e que o progresso é ascendente; que existe uma forma



transcendente de racionalidade e no sujeito uno, racional, cartesiano, capaz de conhecer a si mesmo e a outros objetos (PENNYCOOK, 1998, p.35).

Ou seja, segundo o autor, fazer pesquisa sem um olhar crítico - tendo como base a ideia de que o ensino e aprendizagem de uma língua se dá de forma homogênea, neutra e universal - é fazer com que ela se torne uma aliada às desigualdades sociais. Isso se dá, por conta do escamoteamento das diferentes visões de mundo existentes, assim como os diferentes contextos de aprendizagem, prejudicando o caráter transformador que a Linguística Aplicada possui.

Seguindo adiante, o autor menciona o livro *Power relations and the emergence of language* (1984) de Henriques, Hollway, Urwin, Venn e Walkerdine, no qual os autores abordam como a Psicologia construiu o indivíduo moderno e

afirmam que, já que é importante para nós compreendermos o sujeito como múltiplo, contraditório e construído dentro de diferentes discursos, somos, dessa forma, obrigados a olhar as relações de poder (especialmente as de gênero) na formação do sujeito na linguagem e por meio dela (PENNYCOOK, 1998, p.39).

Assim, não seria indicado trabalhar com a visão monolíngue, objetiva e homogênea da língua, uma vez que os indivíduos, assim como a língua, são complexos, mutáveis, múltiplos, multiculturais e que sofrem influência das relações de poder existentes, assim como do contexto em que estão inseridos.

Pennycook também aborda Morgan (1987) em seu artigo, ao apontar que este ofereceu uma terceira concepção de linguagem, que se chama “discurso dialógico” que se baseia nos estudos de Bakhtin, Volosinov e Foucault. Essa linguagem seria uma política de representação construída socialmente, que visa à mudança dos indivíduos. Para ele, não existe essa suposta objetividade e neutralidade do discurso. “Essa concepção identifica a linguagem como uma cena de conflito, em que o mundo está sempre/já na palavra” (p.40). Portanto, o foco está na subjetividade do discurso e em como ele forma “espaços múltiplos e contraditórios” (p.41).

Por fim, o autor evidencia a necessidade de se pensar em uma Linguística Aplicada crítica, que não só considere o meio em que o sujeito vive, mas também que o valorize. A consciência de que nenhuma pesquisa, assim como nenhum ensino, se dá de maneira totalmente neutra, é a base para que se consiga realizar trabalhos acadêmicos que sejam – de fato – transformadores para a população. Sempre há um contexto por trás, uma relação de interesse, seja ela política, ideológica ou econômica. Para isso, “Precisamos [...] reconhecer a base ideológica de todo nosso trabalho e, a minha opinião, buscar tanto ampliar a nossa compreensão quanto suscitar mudanças” (p.47). E logo após, comenta sobre o papel da escola nesse processo e sobre como as visões alternativas de linguagem devem ser analisadas:

Precisamos entender as escolas como arenas culturais e complexas, onde formas diversas estão em conflito permanente, e precisamos compreender,



acima de tudo, a política cultural do ensino de línguas. Deveríamos, também, ser mais humildes e prestar atenção às muitas concepções alternativas de linguagem e aprendizagem ao invés de apregoarmos as nossas ideias como sendo as melhores e as mais atualizadas (PENNYCOOK, 1998, p.47).

Mediante o exposto, o artigo é indicado para todos os estudiosos e pesquisadores da área de Linguística Aplicada que buscam fazer um estudo mais crítico e reflexivo, e que estejam preocupados em realizar mudanças significativas na área e não apenas “fazer mais do mesmo”. Há de se mencionar a importância e a atualidade do tema, apesar do ano em que o artigo foi escrito, uma vez que muitos impasses mencionados no artigo ainda não foram completamente resolvidos. Assim, licenciandos do curso de Letras também são bem-vindos, pois apesar de ser muito crítico e abordar temas complexos, o autor possui uma escrita fluida e objetiva, conseguindo apontar os principais temas no que se refere ao ensino e aprendizagem de línguas, contribuindo para um novo pensar e fazer linguístico.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MOITA LOPES, L.P. da. Da Aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Interdisciplinar. In: PEREIRA, R.C; ROCA, P. (Org). **Linguística Aplicada: Um caminho com diferentes acessos**. São Paulo, SP: Editora Contexto. 2009, p.11-24.

MOITA LOPES, L.P. da. **Oficina de linguística aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

PENNYCOOK, Alastair. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M.C. **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. cap. 1, p. 23-49.

Recebido em: 16/10/2020

Aceito em: 10/02/2021